

A RELAÇÃO ENTRE A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FIFA 2022 E O PROJETO “ANO DO RETORNO” EM GANA

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE 2022 FIFA FOOTBALL WORLD CUP AND THE “YEAR OF THE RETURN” PROJECT IN GHANA

RESUMO: Na Copa do Mundo de 2022 a seleção ganesa identificou atletas nascidos no exterior com dupla nacionalidade aptos para defender sua seleção no evento. A estratégia não é nenhuma novidade no futebol, já que várias outras equipes utilizam deste método, porém, o ato da Federação Ganesa de Futebol chamou a atenção por estar alinhado a um projeto do governo ganês que em 2019, em memória aos 400 anos de partida dos primeiros navios negreiros da Costa do Ouro para as Américas, lançou o “Ano do Retorno”, uma ação que buscava reconectar os ganeses e os descendentes da diáspora africana ao continente. Este artigo busca fazer um comparativo entre a ação do Estado ganês com o futebol, resgatando a relação histórica destes campos que remontam os primeiros anos de Gana como país independente e a influência do célebre líder Kwame Nkrumah na promoção do esporte como elemento para união pan-africanista e da identidade em África.

GUILHERME S. P DE FREITAS

PALAVRAS-CHAVE: Gana; Futebol; Fluxos Migratórios; Diáspora; Identidade.

ABSTRACT: At the 2022 World Cup, the Ghana national football team identified athletes born abroad with dual nationality able to defend their selection in the event. The strategy is nothing new in football, as several other teams use this method, however, the act of the Ghanaian Football Federation got attention because it is a project of the Ghanaian government that in 2019, in memory of the 400th anniversary of the departure of the first slave ships from the Gold Coast to the Americas, launched the “Year of Return”, an action that sought to reconnect Ghanaians and descendants of the African diaspora to the continent. This article seeks to make a comparison between the action of the Ghanaian State with football, rescuing the historical relationship of these fields that date back to the first years of Ghana as an independent country and the influence of the famous leader Kwame Nkrumah in promoting the sport as an element for pan-africanist unity and identity in Africa.

Editor-Gerente
[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

KEYWORDS: Ghana; Football; Migratory Flows; Diaspora; Identity.

A RELAÇÃO ENTRE A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FIFA 2022 E O PROJETO “ANO DO RETORNO” EM GANA

Guilherme Silva Pires de Freitas¹

Introdução

Alexander Djiku, Antoine Semenyo, Denis Odoi, Elisha Owusu, Iñaki Williams e Tariq Lamptey. Todos esses seis atletas fizeram parte da equipe ganesa que disputou a Copa do Mundo de futebol masculino no Catar em 2022. Além de atuarem pela seleção de Gana no Mundial, estes jogadores têm outra coisa comum: nasceram no exterior e foram convocados especialmente para defender o time das Estrelas Negras² na competição internacional.

Poderia ser mais uma semelhança com o que vem ocorrendo com as seleções europeias de futebol, que neste século XXI passaram a contar cada vez mais com planteis multiculturais, formados por atletas descendentes de migrantes (FREITAS, 2022a, p. 20). Porém, o caso ganês tem algo mais peculiar: faz parte de uma política de repatriação que a Federação Ganesa de Futebol (FGF) propõe, visando promover um “regresso” dos descendentes de ganeses espalhados pelo mundo. Esta estratégia através da bola, guarda semelhanças com a política de Estado adotada pelo governo ganês do atual presidente Nana Akufo-Addo, que em 2019 lançou o projeto “Ano do Retorno” para os afrodescendentes espalhados pelo mundo devido as diásporas do passado.

Independente desde 1957, Gana é um país que traz desde seus primeiros dias como nação liberta uma forte relação com o futebol. Grande líder no processo de libertação do país e primeiro presidente, Kwame Nkrumah foi um aficionado pela modalidade e enxergou no futebol uma forma de fortalecer a identidade nacional ganesa, o ideal pan-africanista e usar a modalidade como plataforma de apresentação de Gana para o mundo (DARBY, 2019, p. 941).

As diversas diásporas ganesas e africanas ao longo dos tempos, e o sentimento de regresso, estão muito mais conectados ao futebol do que se possa imaginar. O caso dos jogadores na Copa do Mundo do Catar em 2022 é um bom exemplo desta relação e será visto nas páginas seguintes deste artigo, que buscará analisar a política de repatriação da diáspora ganesa ao longo

¹ Guilherme Silva Pires de Freitas. Doutorando em Mudança Social e Participação Política na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). E-mail para correspondência: guilhermespfreitas@usp.br

² Estrelas Negras, ou *Black Stars*, é o apelido da seleção de Gana em alusão a estrela preta presente no centro de sua bandeira, que representa também a luta pela liberdade.

da história e tentará compreender qual o impacto que o futebol, sendo a modalidade esportiva mais popular do mundo, influi na sociedade e na identidade nacional.

A influência do futebol em Gana

A FGF foi fundada poucos meses depois da independência do país africano ser alcançada, no dia 6 de março de 1957 e no ano seguinte filiou-se a Federação Internacional de Futebol (FIFA). Rapidamente tornou-se uma das principais referências para o fortalecimento da identidade nacional ganesa, sucedendo outra entidade esportiva que era até então a responsável pela modalidade nos tempos coloniais: a Federação de Futebol da Costa do Ouro. Fundada em 1920, esta entidade era o órgão dirigente responsável pelo futebol na região da Costa do Ouro, onde se localiza o território que hoje pertence a Gana, e é tida como uma das primeiras organizações esportivas do continente africano. A região da Costa do Ouro tinha este nome devido à grande quantidade de reservas de ouro na área, além de ter sido uma região muito procurada por comerciantes de escravos.

Assim como ocorreu em outras regiões do mundo, caso do continente americano, o futebol aportou em solo ganês através do mar. No final do século XIX, marinheiros britânicos e comerciantes vindos da Europa tinham como um de seus passatempos bater bola nos portos em seus momentos de lazer. A novidade chamou a atenção dos nativos, que também passaram a desfrutar do jogo. A rápida popularização do futebol em Gana resultou na formação de clubes ainda nos primeiros anos do século XX. Em 1903 um cidadão britânico nascido na Jamaica e diretor de uma escola na cidade de Cape Coast, chamado Sr. Briton, fundou o clube Excelsior (GHANAIAN MUSEUM, 2020). Foi o pontapé inicial para que outras agremiações amadoras ao longo do território fossem surgindo, principalmente em Acra e Cape Coast.

Em 1922 a Federação de Futebol da Costa do Ouro organizou uma liga amadora de futebol e o campeão recebia como prêmio pelo título um troféu que levava o nome de Sir. Gordon Guggisberg, então governador do Império Britânico na Costa do Ouro. Apaixonado por esportes, tendo praticado várias modalidades ao longo da vida como críquete, golfe e futebol, Guggisberg foi um dos principais idealizadores do desenvolvimento do futebol ganês (GHANA FOOTBALL ASSOCIATION, 2022). Com a autorização do governador, partidas de futebol puderam ocorrer em Acra, mas rapidamente se espalharam para todo o território.

Nas décadas seguintes o futebol foi ficando cada vez mais popular e, conseqüentemente, atraindo atenção da população ganesa. Campeonatos amadores começaram a ter mais público e a profissionalização da modalidade chegou a ser discutida. O futebol tornava-se para Gana algo

importante não apenas como elemento de fortalecimento da identidade nacional, mas também como força de afirmação no cenário internacional que poderia ajudar no processo de independência. Como aponta Boniface (1998, p. 17), para muitos países filiar-se a FIFA era tão essencial quanto tornar-se membro da Organização das Nações Unidas (ONU), já que segundo o pesquisador um Estado não se limitava mais aos três elementos tradicionais (território, população e governo), já que a eles acrescentava-se um quarto: uma equipe nacional de futebol.

É neste cenário que entra em cena a figura de Kwame Nkrumah, importante líder do processo de descolonização do continente entre as décadas de 1940 e 1950 e um dos principais idealizadores do pan-africanismo no continente africano. Nkrumah defendia a libertação de África e idealizava o continente livre da colonização europeia. Figura importante do movimento pan-africanista, corrente político-cultural que considerava África, africanos e seus descendentes como um conjunto único no processo de unificação continental e de solidariedade entre as populações da diáspora do mundo africano (ASANTE; CHANAIWA, p. 873, 2010), Nkrumah assumiu a presidência do país em 1960 após Gana tornar-se uma república e também teve participação importante na articulação da Organização da Unidade Africana (DONKOH, 2019, p. 215).

Amante dos esportes em geral, Nkrumah compreendia que o futebol poderia ser um importante vetor para difusão do pan-africanismo, devido as características da modalidade que ajudariam no processo de compreensão mútua entre as nações africanas, e na atmosfera de fraternidade que um espaço esportivo gera aos envolvidos (ACHEAMPONG; RASPAUD, 2021, p. 5-6). Ele também enxergava no futebol um importante elemento para consolidação da identidade nacional ganesa. Segundo Portela (2018, p. 23) através de sua influência, ele conseguiu assimilar o caráter mobilizador do futebol para com as massas populares, possibilitando recrutar membros da classe trabalhadora e da elite africana para a sua causa. Ele também identificou a modalidade como algo influente no aspecto social e político, que poderia ser essencial para a difusão do ideal pan-africanista nos primeiros anos de libertação do continente:

Nkrumah buscou transformar a seleção nacional de futebol, por meio de um forte patrocínio estatal, em um símbolo de Gana independente e profundamente arraigada ao ideário do pan-africanismo. Esta se tornou uma imagem consideravelmente representativa do processo de descolonização dos países africanos. Assim, o presidente ganês batizou a equipe nacional como Black Stars e dotou-os da melhor infraestrutura que uma seleção africana já usufruía até então e, como tentativa de mostrar um plano nacionalista no futebol, contratou o então atacante recém-aposentado Charles Kumi Gyamfi, primeiro atleta ganês a jogar no futebol alemão. Além disto, Gana se tornara o primeiro país

subsaariano a criar a sua própria associação nacional de futebol e o primeiro a se filiar a FIFA, em 1958 (PORTELA, 2018, p. 22).

Um dos grandes aliados nessa empreitada de Nkrumah no campo esportivo foi Ohene Djan, que durante décadas integrou quadros de destaque dentro da FIFA e da CAF, além de ter sido peça fundamental no desenvolvimento da liga nacional de futebol no país, na promoção da seleção nacional de Gana, ministro dos esportes, dirigente da FGF e por compartilhar a visão pan-africanista de Nkrumah através do esporte (ACHEAMPONG; RASPAUD, 2021, p. 3-4).

O investimento do Estado ganês não foi o único ato de Nkrumah para o desenvolvimento do futebol local e continental. Em 1959 ele também buscou fortalecer o pan-africanismo através do esporte, sendo um dos idealizadores da Federação de Futebol da África Ocidental, uma entidade que seria responsável por gerir a modalidade na região. A federação passou ainda a organizar uma competição entre os países-membros, e que recebeu o nome de Copa de Ouro Dr. Kwame Nkrumah (DARBY, 2019, p. 943-944). O torneio foi realizado de 1959 até 1967 e reunia as seleções nacionais dos Estados que já haviam obtido sua independência. Posteriormente, durante um congresso da Confederação Africana de Futebol (CAF) em 1964, Nkrumah defendeu a criação de competições continentais de clubes, no qual, segundo o mesmo, a competição iria ajudar a levar o futebol africano à maturidade e dar ao continente uma maior respeitabilidade e reconhecimento a nível universal (PORTELA, 2018, p. 24).

O líder ganês também exerceu forte liderança na luta por maior espaço do continente africano no cenário internacional do futebol. Após Gana ter sido aceita na CAF, ainda no ano de independência do país em 1957, Nkrumah passou a ser importante figura política na batalha por um maior protagonismo do futebol de África. Insatisfeito com a pouca representatividade africana na Copa do Mundo, ele foi um dos líderes de um boicote que exigia da FIFA uma vaga direta ao continente para a competição³, sendo definido por Darby (2019, p. 941) como o principal arquiteto da estratégia, que ajudou nos anos seguintes a fortalecer politicamente o futebol africano. Após uma ação bem-sucedida, a entidade máxima do futebol sentiu os impactos da pressão e passou a oferecer uma vaga direta as equipes do continente a partir da edição do Mundial ocorrida no ano de 1970.

Segundo Kupper (1996, p. 110), o futebol sempre foi considerado uma das forças modernizadoras mais importantes do continente, e Gana foi a primeira nação africana no século XX a compreender o poder da modalidade, buscando promover um plano de ação por

³ Até edição de 1966 as equipes africanas não tinham vaga direta na competição e precisavam fazer uma repescagem contra um representante asiático. Apenas o vencedor do duelo continental disputaria a Copa do Mundo. Em contrapartida, a Europa e as Américas dividiam entre si as demais vagas.

participação e reconhecimento da comunidade internacional de nações. Nos anos seguintes Gana passou a ser um dos principais países do futebol africano dentro e fora de campo. Nas quatro linhas conquistou títulos expressivos, como um tetracampeonato na Copa Africana de Nações (CAN) em 1963, 1965, 1978 e 1982 e títulos mundiais nas categorias de base sub-17 e sub-21. Fora dos gramados se notabilizou pela influência política, tendo obtido importantes feitos como o de sediar edições da CAN em quatro oportunidades, mesmo nunca tendo um presidente no comando da CAF. No futebol feminino, as *Black Queens* chegaram a disputar três Copas do Mundo e foram três vezes vice-campeãs continentais.

Gana também se tornou um país exportador de talentos para o exterior, principalmente para o futebol europeu. Pioneiros como Tony Yeboah e Abedi Ayew, que recebeu o apelido de Abedi Pelé e é considerado por muitos como o maior jogador da história do país, fizeram sucesso na Europa. Em seguida, atletas como Stephen Appiah, Sulley Muntari, Michael Essien, Assamoah Gyan e André Ayew se destacaram no futebol europeu, atuando em grandes clubes do continente e representando o país na Copa do Mundo. Essa presença de jogadores do país fora das fronteiras de Gana também traz similaridades com o êxodo de ganeses ao exterior ao longo da história.

A diáspora ganesa pelo mundo e o “Ano do Retorno”

De acordo com números da Organização Internacional para Migrações, havia até 2019 pouco mais de 970 mil ganeses vivendo no exterior (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2020, p. 17). O número aumenta quando são adicionados os descendentes destes migrantes nascidos em outros países. Na última década o governo ganês passou a tratar a questão da diáspora como algo vital não apenas para a identidade nacional ou a situação migratória, mas principalmente para expansão dos investimentos econômicos.

Primeiramente criou-se em 2017 o Gabinete de Assuntos da Diáspora, uma secretaria, sob espécie de repartição pública, situada dentro da presidência da República, e que busca promover o interesse dos ganenses na diáspora, além de reconhecer e celebrar sucessos e conquistas destes indivíduos no exterior. A pasta atua em parceria com outras instituições estatais, associações ganesas no exterior, organizações internacionais, ONGs, entre outros. A questão identitária é reforçada em um dos principais objetivos do gabinete, de acordo com o site

da entidade. A instituição busca desenvolver “laços mais estreitos” com descendentes ganeses nascidos no exterior de segunda e a terceira geração.⁴

No site do gabinete a questão econômica é bastante destacada. Afirma-se que os ganenses na diáspora ajudam na construção de pontes entre Gana e o exterior, em áreas tidas pelo governo como essenciais, a exemplo dos casos de educação, investimentos e tecnologia. O gabinete menciona ainda que é estimado um fluxo anual de aproximadamente US\$ 5 bilhões entre remessas formais e informais que chegam a Gana enviadas pelos ganenses na diáspora.⁵ O gabinete ainda compila e armazena um banco de dados para facilitar a identificação, localização e contato dos ganenses vivendo na diáspora. Outra ação criada pelo governo foi o projeto “Ano do Retorno”, que será melhor detalhado nas próximas linhas.

A discussão da diáspora em Gana é algo bastante antigo. Influenciada pelo ideal pan-africanista em seus primeiros momentos como Estado independente, o país buscou resgatar as questões identitárias e a união entre os africanos espalhados pelo mundo. Em um histórico discurso na Conferência de Todos os Povos Africanos, realizada em 1958 na cidade de Acra, Nkrumah afirmou:

“Não esqueçamos jamais que eles são dos nossos [os negros da diáspora]. Estes filhos e filhas da África, arrancados de nossas margens, não esqueceram os laços que os unem à terra dos seus ancestrais [...]. Eles combatiam pela igualdade das nações e raças na África, bem anteriormente a que muitos entre nós tenham sequer tomado consciência do nosso rebaixamento [...]. Agora que nós, africanos, conquistamos nossa independência, eles deveriam poder encontrar um poderoso amparo para alcançar o pleno reconhecimento de seus direitos e da sua dignidade como cidadãos de seu país” (HARRIS; ZEGHIDOUR, 2010, p. 849).

O discurso de Nkrumah enfatizando que os indivíduos na diáspora não esqueceram de sua casa, e que seus descendentes teriam o direito de retornar às suas raízes, continuaria em vigor no imaginário ganês por décadas. Depois de 60 anos uma estratégia governamental de “trazer de volta” os filhos da diáspora, seria adotada justamente para reatar estes laços identitários e afetivos.

No final de 2018 o governo do presidente Nana Akufo-Addo criou um projeto chamado “Ano do Retorno”, que consistia em incentivar o regresso de africanos ao continente,

⁴ *Strengthening relationships*. Publicado no site da The Diaspora Affairs - Office of the President of Ghana. Disponível em: <https://diasporaaffairs.gov.gh/our-objectives/strengthen-relationships/>. Acesso: 22/11/2021.

⁵ *Who we are*. Publicado no site da The Diaspora Affairs - Office of the President of Ghana. Disponível em: <https://diasporaaffairs.gov.gh/who-we-are/>. Acesso: 22/11/2022.

especialmente para Gana. A ação, que teve parceria com a empresa Adinkra Group⁶, realizou seu lançamento em Washigton, nos Estados Unidos, e definiu o ano de 2019 como marco zero para esse retorno. A escolha foi simbólica, já que a data marcava exatos 400 anos da partida dos primeiros navios negreiros com escravos rumo ao continente americano (GEBAUER; UMSCHEID, p. 127, 2021). No dia do lançamento oficial o presidente Akufo-Addo discursou:

“Sabemos das extraordinárias conquistas e contribuições que eles, os africanos na diáspora, fizeram para a vida dos americanos, e é importante que neste ano simbólico – 400 anos depois – comemoremos sua existência e seus sacrifícios. [...] Juntos em ambos os lados do Atlântico, trabalharemos para garantir que nunca mais permitiremos que um punhado de pessoas com tecnologia superior entre na África, capture seu povo e o venda para escravidão. Essa deve ser a nossa resolução” (TETTEH, 2018).⁷

Entre os principais objetivos desta campanha estavam posicionar Gana como importante destino de viagem para afro-americanos e a diáspora africana, impulsar o turismo e alavancar negócios e investimentos no país.⁸ A ação do “Ano do Retorno” buscava não apenas lembrar a simbólica data do início do tráfico negreiro em 1619, mas também fortalecer a identidade do negro como alguém perseverante, sendo aquele que conseguiu superar as mais diversas adversidades ao longo de séculos até chegar à geração atual de afrodescendentes (GEBAUER; UMSCHEID, 2021, p. 128). Como aponta Woodward (2014, p. 28) uma identidade pode ser legitimada por referência a um suposto e autêntico passado, um passado que pode ser glorioso e que parece ser real, desta forma validando a identidade reivindicada. Ao lembrar as origens da diáspora africana e que o negro, devido a sua força conseguiu superar a escravidão, o governo de Gana acaba ratificando esta afirmação.

Porém, a campanha não visava apenas reconectar afrodescendentes às suas raízes étnicas. Além deste componente simbólico, identitário e sentimental, havia interesses econômicos e políticos do país africano. Em entrevista ao portal de notícias da ONU, Africa Renewal, o embaixador de Gana nos Estados Unidos, Dr. Barfuor Adjei-Barwuah, destacou que o “Ano do Retorno” seria importante para os afrodescendentes conhecerem o potencial e a história do país.

⁶ O Adinkra Group tem sede nos Estados Unidos e seu principal objetivo é ajudar pessoas de descendência africana em todo o mundo a estabelecer uma conexão direta com a África. *Promoting a shared ancestral heritage*. Publicado no site do Adinkra Group. Disponível em: <https://theadinkragroup.com/about/>. Acesso: 16/11/2022.

⁷ Tradução livre. Trecho original: "We know of the extraordinary achievements and contributions they, Africans in the diáspora, made to the lives of the Americans, and it is important that this symbolic year—400 years later—we commemorate their existence and their sacrifices. [...] Together on both sides of the Atlantic, we'll work to make sure that never again will we allow a handful of people with superior technology to walk into Africa, seize their people and sell them into slavery. That must be our resolution."

⁸ *About Year of Return, Ghana 2019*. Publicado no site The Year of Return. Disponível em: <https://www.yearofreturn.com/about/>. Acesso: 22/11/2022.

Trata-se de uma ação que, em certa medida, traz um paralelo com a política pan-africanista de Nkrumah, que fazia questão de realçar o reconhecimento do continente à comunidade internacional:

Enfatizamos que, para as pessoas que podem traçar sua ascendência até Gana, o país é seu lar e o lar é para onde você vai. Isso garante às pessoas segurança e diversão. Então, temos essa fama de ser gente muito acolhedora. O ganês faz você se sentir confortável, faz você se sentir seguro e ressaltamos que as pessoas devem visitar os locais históricos. Para a maioria dos americanos, estes locais têm muito apego emocional. Dissemos também que Gana está se reorganizando econômica e socialmente, por isso, convidamos as pessoas a viajar para ter uma espécie de vislumbre econômico e depois poderem investir no nosso país (TETTEH, 2020).⁹

Segundo dados da Autoridade de Turismo de Gana, uma agência ligada ao Ministério do Turismo, Cultura e Artes deste país, houve um crescimento no número total de turistas em 2019, em relação aos anos anteriores. No ano do projeto, cerca de 1,1 milhão de pessoas estiveram no país africano, ante 956 mil registrados em 2018. O ministério afirmou que o gasto destes visitantes também foi maior em comparação ao ano anterior, com o governo calculando um lucro de US\$ 3,3 milhões, 27% a mais em relação a 2018.¹⁰ Um dos motivos para a bem-sucedida ação foi a massiva campanha de publicidade promovida, que levou personalidades influentes a visitarem o país em buscar de conhecê-lo e descobrir suas origens. Nomes como a modelo Naomi Campbell, os atores Idris Elba e Rosario Dawson, além dos cantores Akon e Ludacris, influenciaram outras milhares de pessoas ao redor do mundo a seguir o mesmo roteiro (GEBAUER; UMSCHIED, p. 130, 2021).

Além do Gabinete de Assuntos da Diáspora e do “Ano do Retorno”, também existe um festival bastante popular neste país, intitulado por Projeto de Teatro Histórico Pan-Africano, popularmente conhecido como Panafest. Trata-se de um evento realizado desde 1992, que busca valorizar a unidade pan-africanista e o desenvolvimento do continente através de espetáculos, shows e peças teatrais promovidos por africanos e afrodescendentes. Um dos principais

⁹ Tradução livre. Trecho original: We have always had, since independence, a certain kind of international profile. The type of promotion that we organized here in the United States made a lot of difference. We have emphasised that for people who can trace their ancestry to Ghana, the country is their home and home is where you go. That assures people of safety and enjoyment. Then, we have this reputation of being very welcoming people. The Ghanaian makes you feel comfortable, makes you feel safe. We underscored that people should visit the historical sites. For most Americans, these sites have a lot of emotional attachment. We were also saying that Ghana is reorganizing itself economically and socially. So, we invited people to come and have a kind of economic glimpse so that they can subsequently invest in our country.

¹⁰ 2019 *Tourism Report*. Publicado no site Accra: Ghana Tourism Authority. Disponível em: <https://www.motac.gov.gh/publications/>. Acesso: 22/11/2022.

apoiadores é o governo de Gana, que considera o festival como uma grande iniciativa nacional (ESSAH, 2001, p. 46).

E o futebol, esporte mais popular de Gana, não poderia ficar alheio a toda esta situação. Como bem aponta Freitas (2022a, p. 125), o futebol reflete questões do mundo e da sociedade dentro de campo ou na arquibancada. Observando o que se passava na ação do governo, a FGF tentou fazer o seu “Ano de Retorno” para a disputa da Copa Africana de Nações de 2020 e das eliminatórias para a Copa do Mundo de 2022. Visando melhorar o nível técnico da equipe, a entidade esportiva começou a realizar um mapeamento de atletas com ancestralidade ganesa nas principais ligas europeias, convidando-os para representar os Estrelas Negras.

As “contrações para a Copa do Mundo” e o fator identitário

No futebol este tipo de política de regresso já era algo frequente no futebol do país. Porém, a extensa lista de atletas com descendência ganesa cotados e convocados para a seleção chamou a atenção de parte da imprensa internacional durante as eliminatórias para a Copa do Mundo de 2022. Porém, não era nenhuma novidade. Antes de confirmar sua classificação para o Mundial do Catar, Gana já havia disputado três Copas: em 2006, 2010 e 2014. Em todas elas havia atletas nascidos no exterior integrando os elencos dos Estrelas Negras.

Em 2006 era apenas um, em 2010 três e em 2014 cinco. O convocado para o Mundial de 2006 retornou ao elenco de 2022, não como atleta, mas como treinador. Otto Addo nasceu em Hamburgo, na Alemanha, filho de pais migrantes ganeses e fez toda sua carreira como jogador profissional no futebol alemão. Na reta final das eliminatórias foi confirmado como técnico da seleção e em uma entrevista ao podcast World Football da rede BBC, saiu em defesa da estratégia de convocar atletas com descendência ganesa ao afirmar que ele “nasceu na Alemanha e entendia muito bem o que os jogadores com dupla nacionalidade estavam sentindo”.¹¹

As palavras de Oddo sobre compreender o que seus atletas, com trajetória semelhante à sua jornada de vida sentiam, vai de encontro com o que Hall (2014, p. 29-30) define sobre o que é se sentir parte de uma identidade nacional, que na opinião do autor está sempre em transformação devido as dinâmicas do mundo globalizado:

[...] na verdade, as identidades nacionais, não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. [...] Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz

¹¹ *World Football in Qatar - Bonus Podcast: In Conversation with Otto Addo*. Publicado no site da BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/p0ckl5mn>. Acesso: 04/12/2022.

sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2014, p. 30).

Ou seja, um indivíduo só sabe o que significa fazer parte de uma nação devido ao modo como esta nação veio a ser construída e representada. Desta forma, Oddo e seus atletas multiculturais, sentem-se representados pela identidade ganesa devido a toda construção de ancestralidade feita ao longo das décadas. Após testar uma dezena de atletas descendentes de ganeses na seleção nos últimos amistosos antes da Copa do Mundo, Oddo resolveu convocar seis atletas com dupla nacionalidade. Antoine Semenyo e Tariq Lamptey, nascidos na Inglaterra; Alexander Djiku e Elisha Owusu, nascidos na França; Denis Odoi, nascido na Bélgica e Iñaki Williams, nascido na Espanha (FREITAS, 2022c). Este último tem uma história curiosa, inclusive, já que seu irmão, Nico, também esteve no Mundial do Catar, mas representando a seleção espanhola.

Nascido na região do País Basco, Williams é filho de imigrantes ganeses e sempre atuou no futebol espanhol, mas não teve chances pela seleção nacional. Após longas conversas com a Federação Ganesa de Futebol aceitou o convite de atuar pela seleção africana. Em um vídeo publicado em suas redes sociais, o jogador afirmou que a decisão de representar a pátria dos pais teve um impacto profundo em sua identidade e ainda escreveu que “é por isso que sinto que o momento chegou para mim de encontrar minhas origens dentro de mim mesmo e com a África e Gana, o que significa muito para mim e para minha família. Quero devolver uma parte de tudo que nos foi dado porque Gana, teve um papel significativo em me tornar quem eu sou como pessoa, como filho e como irmão” (LOBO, 2022).

A declaração de Williams mostra que o atleta guarda sentimentos e certo afeto pela pátria dos pais, mesmo nunca tendo vivido em Gana. E isso pode ser um comportamento da identidade bifurcada, teoria cunhada pelo antropólogo espanhol e catalão Claudi Esteva Fabregat. Este conceito aponta que um indivíduo tem a sua identidade nacional, mas ao mesmo tempo acaba desenvolvendo ao longo da vida a identidade nacional de seus ancestrais, formando uma bifurcação (OLIVEIRA, 2006, p. 130-131). É o caso de Williams, que por ser um dos filhos da diáspora, tem sua identidade espanhola e ganesa convivendo mutualmente. Uma identidade híbrida que vem assumindo o lugar das tradicionais identidades nacionais (HALL, 2014, p. 40).

Novamente a história estava se repetindo no futebol ganês, afinal, nos Mundiais de 2010 e 2014 um atleta da seleção ganesa disputou a Copa do Mundo pela equipe africana, enquanto seu irmão jogou por um time europeu. Nascido em Berlim, Kevin Prince Boateng optou por defender a seleção de Gana devido as origens familiares, já que seu pai migrou para trabalhar na

Alemanha. Seu irmão mais novo, Jerôme, foi convocado pela equipe alemã. Ambos se enfrentaram nas duas Copas do Mundo e as fotos dos irmãos se abraçando e sorrindo na hora do cumprimento dos atletas é uma das mais emblemáticas da história do evento.

Na Copa do Mundo do Catar havia ainda outros dois atletas nascidos no exterior. Os irmãos e ídolos do futebol ganês André e Jordan Ayew. Ambos nasceram na França e são filhos de Abedi Pelé, lendário ex-jogador da seleção e que fez sucesso no futebol europeu. Os irmãos, já veteranos, eram os mais experientes do time no Mundial do Catar. Além destes jogadores vale destacar ainda o atacante Daniel-Kofi Kyereh. Nascido na capital ganesa de Acra, ele migrou com a família ainda criança para a Alemanha onde começou a jogar futebol e iniciou sua carreira profissional. Em 2021 foi convocado pela primeira vez para a seleção nacional. E além de toda essa história pessoal de Oddo e da convocação de atletas descendentes nascidos no exterior, a comissão técnica da seleção tinha outros profissionais de dupla nacionalidade, mostrando que o “retorno” ultrapassou as quatro linhas e chegou ao banco de reservas.

Dentro de campo a seleção ganesa foi eliminada ainda na primeira fase do Mundial do Catar com duas derrotas para Portugal e Uruguai e uma vitória sobre a Coreia do Sul. Porém, o time recebeu elogios de parte da mídia devido as boas atuações, embora a juventude do elenco, a mais jovem das 32 equipes que disputaram a competição, tenha pesado nos momentos mais decisivos. Porém, a questão da presença de jogadores nascidos no exterior não agradou a todos.

Foram registradas nas redes sociais comentários ofensivos e críticos a postura da FGF. A maioria dessas interações não era feita por ganeses e sim por europeus, que não concordavam com a postura da entidade em convidar atletas do continente para atuar pela seleção nacional ganesa, em detrimento das seleções dos locais onde haviam nascido. Em entrevista ao portal de notícias esportivas GOAL.com, Fred Pappoe, vice-presidente da entidade, afirmou que essa postura agressiva influenciou na decisão de alguns atletas a declinar o convite de atuar pelas Estrelas Negras, temendo repercussões negativas em suas carreiras (TEYE, 2021).

O ato de Gana em ir a Copa do Mundo com uma equipe formada por vários atletas multiculturais não foi único caso. As outras quatro equipes africanas que disputaram o Mundial (Camarões, Marrocos, Senegal e Tunísia), tinham em seus elencos atletas com dupla cidadania e nascidos no exterior, principalmente na Europa. A diferença é que nenhuma delas tem um conceito tão forte de retorno como Gana, que historicamente sempre promoveu o regresso dos filhos da diáspora para o continente.

E este comportamento de incluir em seus plantéis atletas com dupla cidadania é algo que vem se tornando uma constante no futebol africano neste século. Na última edição da CAN, realizada em janeiro de 2022, 21 das 24 seleções que disputaram o evento tinham pelo menos

um atleta com dupla cidadania convocado (FREITAS, 2022b). E os motivos para essa ação são vários. Há jogadores que optam por representar uma equipe africana por escolha pessoal e por identificação com suas ancestralidades. Há aqueles que avaliam esta opção por condição técnica, já que têm uma concorrência menor em relação a um selecionado europeu, e até o caso de países pequenos que não tem ligas profissionais e precisam recorrer a atletas com descendência que jogam no exterior para montar uma equipe competitiva. A diferença dos demais para Gana é que o país sempre foi adepto dessa política de retorno. Como citado no início deste tópico, os Estrelas Negras tiveram atletas nascidos no exterior em todas as suas participações na Copa do Mundo, e sempre consideraram jogadores com este perfil como sendo nacionais.

A prática de contar com atletas de dupla cidadania também levanta uma outra questão sobre a relação desta ação com o futebol da Europa. Como visto neste artigo, há críticas e pressões dos europeus pela convocação destes jogadores. Afinal, eles são nascidos na Europa e fazem toda a sua formação em clubes do continente. Em alguns casos, chegam a atuar pelas seleções de base destes países, mas na hora de seguir uma carreira internacional no profissional,¹² optam por defender a seleção de seus ancestrais.

Toda esta situação levanta algumas questões. Por exemplo, o atleta nascido em África e que começou sua carreira no continente pode sentir algum tipo de inferioridade perante o atleta nascido e formado na Europa? (FREITAS, 2022a, p.115). Afinal, este último contou com uma melhor infraestrutura ao longo de seu desenvolvimento, e para alguns torcedores poderia estar “roubando” um espaço que não lhe pertence, no caso, a vaga de um jogador formado em África, questionamento que alguns dos atletas ganeses de dupla cidadania ouviram nas redes sociais. Trata-se de uma pergunta que ainda não tem uma resposta concreta e que provavelmente só teremos respostas daqui há alguns anos quando tivermos meios de analisar os resultados que estas equipes multiculturais conquistarem nas futuras edições da Copa do Mundo.

Considerações finais

Como visto nas páginas anteriores, a relação entre o futebol e o Estado em Gana já era algo existente. Desde a fundação da FGF, poucos meses após a independência do país, até a política de convidar atletas de dupla nacionalidade para disputar a Copa do Mundo de 2022, passando pela influência de Nkrumah ao enxergar o futebol como importante vetor de identidade

¹² De acordo com as regras da FIFA, um atleta só pode defender uma seleção nacional no profissional. Se um jogador atuar em uma partida oficial representando um país, ele não pode mudar e defender outro no futuro, mesmo que tenha dupla cidadania ou se naturalize. Esta regra não se aplica às categorias de base.

nacional e união africana, além de lutar por mais espaço do continente no cenário internacional, sendo figura essencial na organização do boicote que as equipes de África fizeram no Mundial de 1966.

Outro ponto que aproximou o futebol das questões sociais e identitárias em Gana foi a política do “Ano do Retorno”, e do empenho do governo em buscar atrair ganeses e filhos da diáspora de volta para suas raízes. As questões econômicas mostradas no artigo reforçam o interesse do Estado ganês em obter investimentos em sua economia, e usar o turismo como uma porta de entrada, ou de retorno dependendo do caso (GEBAUER; UMSCHEID, 2021, p. 128-129). Porém, ao mesmo tempo esta ação visou fortalecer laços afetivos e identitários entre os afrodescendentes espalhados pelo mundo após séculos de escravidão e deslocamentos forçados. Traçando um paralelo com o esporte, o mesmo pode ser visto com os jogadores que aceitaram o convite para defender o selecionado africano na Copa do Mundo, justificando a escolha pela questão identitária e de se verem como parte dessa diáspora histórica dos povos africanos, como citado no caso do atleta Iñaki Williams.

Por fim, esta complexa situação que envolve fluxos migratórios, impactos da globalização do esporte e questões identitárias traz um questionamento para observarmos com mais atenção na arena dos estudos do futebol: a relação entre ganeses e africanos como um todo com os europeus. Após anos de supremacia sobre África, seja criando escolinhas de futebol “oficiais” de grandes clubes em países africanos, ou levando os melhores talentos do continente ainda muito jovens e lucrando com seus serviços em suas bilionárias ligas, como os europeus irão se comportar com essa atitude dos africanos em buscar “trazer de volta os filhos da diáspora”?

Será que as federações da Europa aceitarão pacificamente as investidas das associações do continente africano a seus atletas, para que eles quando profissionais optem por jogar pelo país de seus ancestrais? Haverá alguma retaliação econômica das representantes europeias ou solicitações de interferência da FIFA contra a África? E os africanos, vão se intimidar com uma postura mais agressiva da Europa, ou continuarão usando o legítimo direito de convocar atletas com dupla cidadania para suas seleções? São perguntas que continuam em aberto e merecem maior observação dos pesquisadores do esporte ao longo das próximas edições de Copa do Mundo de futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEAMPONG, Ernest Yeboah; RASPAUD, Michel. Kwame Nkrumah's Overthrow and Its Effect on National Team Players (1957–1980). *African Historical Review*, London, v. 52, n. 1, p. 1-27, 2021.

ASANTE, Samuel Kwadwo Boaten; CHANAIWA, David. O Pan-africanismo e a Integração Regional. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Orgs). **História Geral da África, Vol. VII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 873-896.

BONIFACE, Pascal. **Géopolitique du Football**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1998.

DARBY, Paul. Politics, resistance and patronage: the African boycott of the 1966 World Cup and its ramifications. **Soccer and Society**, London, v. 20, n. 7-8, p. 936-947, 2019.

DONKOH, Wilhelmina. Gana: de colônia a líder continental. In: FURTADO, Peter (Org). **Identidade das nações: uma breve história**. São Paulo: Edições Sesc, p. 211-216. 2019.

ESSAH, Patience. Slavery, Heritage and Tourism in Ghana. **International Journal of Hospitality & Tourism Administration**, London, v. 2, n. 3-4, p. 31-49, 2001.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. **As seleções de futebol da União Europeia: identidade, migração e multiculturalismo através da bola**. São Paulo: Editora Dialética, 2022 (a).

GEBAUER, Matthias; UMSCHIED, Marie. Roots tourism and the Year of Return campaign in Ghana: Moving belonging beyond the history of slavery. In: SAARINE, Jarkko; ROGERSON, Jayne M. (Orgs). **Tourism, Change and the Global South**. London: Routledge, p. 123-134, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARRIS, Joseph E.; ZEGHIDOUR, Slimane. A África e a diáspora negra. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Orgs). **História Geral da África, Vol. VII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, p. 849-872, 2010.

KUPPER, Simon. **Football against the enemy**. London: Orion Group, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp. 2006.

PORTELA, Jonathan Dias. **Os Black Stars chegam ao mercado: o jogador ganês na geopolítica das relações internacionais entre Inglaterra e Gana no pós colonialismo (1996-2014)**. Dissertação (Mestrado em História), Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

DOCUMENTOS

GHANA TOURISM AUTHORITY. **2019 Tourism Report**. Accra: Ghana Tourism Authority, 2020. Disponível em: <<https://www.motac.gov.gh/publications/>>.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Migration in Ghana: a country profile 2019**. Geneva: International Organization for Migration. 2020.

MATERIAL DE IMPRENSA E INFORMAÇÕES OFICIAIS

ADINKRA GROUP. Promoting a shared ancestral heritage. **Adinkra Group**. 2022. Disponível em: <<https://theadinkragroup.com/about/>>. Acesso: 16/11/2022.

BBC NEWS. World Football in Qatar - Bonus Podcast: In Conversation with Otto Addo. **BBC News**. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.co.uk/programmes/p0ckl5mn>>. Acesso: 04/12/2022.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Quem são os jogadores multiculturais das seleções africanas na CAN-2021. **Guilherme Freitas Acadêmico**. 2022 (b). Disponível em: <<https://guilhermefreitasacademico.wordpress.com/2022/01/16/quem-sao-os-jogadores-multiculturais-das-selecoes-africanas-na-can-2021/>>. Acesso: 04/12/2022.

_____. Quem são os jogadores multiculturais das seleções africanas na Copa-2022. **Guilherme Freitas Acadêmico**. 2022 (c). Disponível em: <<https://guilhermefreitasacademico.wordpress.com/2022/11/17/quem-sao-os-jogadores-multiculturais-das-selecoes-africanas-na-copa-2022/>>. Acesso: 04/12/2022.

GHANA FOOTBALL ASSOCIATION. Gold Coast Football Association History. **Ghana Football Association**. 2022. Disponível em: <<https://www.ghanafa.org/about-ghana-football-association/what-we-do/history>>. Acesso: 01/12/2022.

GHANAIAN MUSEUM. Excelsior – first Football club in Ghana. **Ghanaian Museum**. 2020. Disponível em: <<https://ghanaianmuseum.com/excelsior-first-football-club-in-ghana/>>. Acesso: 01/12/2022.

LOBO, Felipe. Iñaki Williams, do Athletic Bilbao, se junta aos Estrelas Negras e defenderá a seleção de Gana. **Trivela**. 2022. Disponível em: <<https://trivela.com.br/africa/inaki-williams-do-athletic-bilbao-se-junta-aos-estrelas-negras-e-defendera-a-selecao-de-gana/>>. Acesso: 04/12/2022.

TETTEH, Benjamin. 2019: Ano do regresso da diáspora africana. **Africa Renewal**. 2018. Disponível em: <<https://www.un.org/africarenewal/magazine/december-2018-march-2019/2019-year-return-african-diaspora>>. Acesso: 16/11/2022.

_____. Beyond the Year of Return: Africa and the diaspora must forge closer ties. **Africa Renewal**. 2020. Disponível em: <<https://www.un.org/africarenewal/magazine/september-2020/beyond-year-return-africa-and-diaspora-must-forge-closer-ties>>. Acesso: 16/11/2022.

TEYE, Prince Narkortu. Ghana's struggles with wooing top dual nationals blamed on social media. **Goal.com**. 2021. Disponível em: <<https://www.goal.com/en-cm/news/ghanas-struggles-with-wooing-top-dual-nationals-blamed-on-social-media/1fdxoowljeg711cmktkgr3zihb>> Acesso: 04/12/2022.

THE DIASPORA AFFAIRS. Strengthening relationships. **The Diaspora Affairs - Office of the President of Ghana**. 2022a. Disponível em: <<https://diasporaaffairs.gov.gh/our-objectives/strengthen-relationships/>>. Acesso: 22/11/2022.

_____. Who we are. **The Diaspora Affairs - Office of the President of Ghana**. 2022b. Disponível em: <<https://diasporaaffairs.gov.gh/who-we-are/>>. Acesso: 22/11/2022.

THE YEAR OF RETURN. About Year of Return, Ghana 2019. **The Year of Return**. 2019. Disponível em: <<https://www.yearofreturn.com/about/>>. Acesso: 22/11/2022.

Recebido em: 10/07/2022

Aprovado em: 29/11/2022